

26 de Janeiro de 2021

LFG «Lira» P 361 na emboscada do Tancroal

Nota prévia do autor do blogue:

Já publiquei diversos relatos sobre a emboscada sofrida pela LFG «Lira» no rio Cacheu – Tancroal, em 13 de Janeiro de 1968 mas limitei-me sempre à pesquisa, compilação e publicação de elementos afastadas de considerações do foro estratégico e militar.

Desempenhando à época as funções de oficial imediato da LFG «Orion», talvez devesse ter ido um pouco mais longe, publicando documentação complementar que melhor permita aos leitores interessados um mais completo conhecimento e avaliação da missão completa.

Faço-o agora, complementando informação suportada em fontes credíveis e deixo as seguintes questões:

Porque é escolhida uma hora tão tardia – 20:00 - para o regresso a Bissau das LDG «Alfange» e LFG «Lira» que escoltava a primeira? Em caso de possíveis emboscadas ou ataques do IN, estaria vedado o apoio aéreo normal nesta situação, ausência que aliás veio a revelar-se dramática.

Terá justificação aceitável o teor do ofício de Comchefe, brigadeiro António de Spínola, “...apenas para aceitar como decisão de emergência...” a opção tomada pelos comandos das unidades navais em presença?

A LFG «Lira», porque navegava cerca de um quarto de milha a vante da LDG «Alfange» foi a brindada pelo estrago inicial, contabilizando 1 morto, 4 feridos graves e 3 ligeiros. A 5 horas de navegação do porto de Vila Cacheu e sem comunicações como julga um responsável militar poder, simultaneamente, evacuar mortos e feridos e manter em segurança um dispositivo militar de 3 companhias do Exército, equipamentos e bagagens embarcados na LDG «Alfange»?

Pessoalmente ainda hoje não compreendo, mas a documentação existente deixa lugar a muitas conjecturas, a que se calhar não será completamente alheia a “amizade de peito” que Comchefe nutria pela Marinha.

Imagens diversas documentando a missão já foram publicadas em anteriores posts com *links* efectuados no final.

Relato com correcções e considerações finais – III

A LDG “Alfange”, pelo Ordmove 10/68, em 12 de Janeiro de 1968 largou de Bissau, incumbida de transportar três companhias do Exército, sendo a CART

1648 do BCaç 1904 destinada a Binta e as CCAç 1939 e a CCS, ambas pertencentes ao BCaç 1932 para Farim.



LFG «Lira» acostada en Ganturé

A LDG “Alfange”, pelo Ordmove 10/68, em 12 de Janeiro de 1968 largou de Bissau, incumbida de transportar três companhias do Exército, sendo a CArt 1648 do BCaç 1904 destinada a Binta e as CCAç 1939 e a CCS, ambas pertencentes ao BCaç 1932 para Farim.

No regresso estava previsto, em 13 de Janeiro, trazer na volta as CCAç 1546 – Binta e as CCAç 1548 e CCS – Farim dos mesmos locais e rendidas por aquelas, de volta a Bissau todas pertencentes ao BCaç 1887.

Estes transportes de pessoal, que incluíam simultaneamente abastecimento, e logística eram efectuados pelas LDG – Lanchas de Desembarque Grandes que, pela sua lentidão, características de manobrabilidade e capacidade de defesa algo limitada pelo armamento então disponível – duas metralhadoras pesadas anti-aéreas Oerlikon de 20 mm e mais duas metralhadoras ligeiras MG 42 mm - , implicavam a necessidade de embarcar, como reforço de defesa, uma secção de uma companhia de fuzileiros, devidamente armada, garantindo protecção e segurança adicionais ao transporte.

Eram igualmente escoltados por uma LFG no percurso do rio Cacheu, entre S. Vicente e Binta, por vezes mesmo até Farim e, quando necessário, era solicitado apoio aéreo.

O acaso ditou alguma inevitabilidade na designação da LFG “Lira”, na altura de reserva, para substituir a LFG “Orion”, inicialmente prevista para o desempenho da missão, mas que acabou por ficar avariada em Bissau com uma das cabeças do motor de estibordo fendida.

Cedeu ainda em diligência um grumete artilheiro, o municionador da peça de vante para substituição de um elemento em falta na guarnição da LFG “Lira” que largou de Bissau a meio da tarde de 11 de Janeiro, com um grupo de assalto do DFE 10 embarcado, tendo fundeado em Barro no final desse mesmo dia.

Durante a noite, efectuou-se o transbordo de fuzileiros para as LDM – Lanchas de Desembarque Médias da área que, navegando o mais silenciosamente possível e com os botes a reboque, permitiram a montagem de diversas emboscadas, manobras de diversão e derivas na zona do Concolim, com acompanhamento próximo da lancha de fiscalização. Esta tática de dissuasão e intersecção de movimentos ou cambanças do IN voltou a ser repetida na noite seguinte.

Pela manhã do dia 13, foi iniciada a escolta à LDG «Alfange» entre S. Vicente e Binta que decorreu sem qualquer facto assinalável, de acordo com o programa estabelecido, tendo a LFG «Lira» ficando em Binta, a aguardar o regresso.

Ao cair da tarde, pelas 20:00, a partir daquela localidade, foi iniciado o percurso descendente, navegando-se para juzante com boa visibilidade e luar intenso, a LFG «Lira» a cerca de um quarto de milha a vante da LDG «Alfange».

A bordo desta última havia alguma dificuldade em manter um ambiente calmo duas companhias de Forças de Terra embarcadas que, na manifestada alegria do almejado regresso, ignoraram perigosamente os riscos ainda por correr.

O relatório da acção, pela mão do comandante da LDG «Alfange», afirmava:

“...Foi só por esta altura que foi possível estabelecer uma relativa disciplina nas FTs embarcadas que, lamentavelmente, consideram sempre estes navios como fortalezas inexpugnáveis. Esquecem-se ou ignoram que saem de um determinado tipo de guerra para ingressarem noutra que, em muitos casos, se poderá comparar aos das colunas de reabastecimento com a agravante de não existirem bermas de estrada ou abrigos naturais onde o pessoal se possa abrigar ou dispersar e ainda o alvo ser um único...”

A ausência total de discrição do embarque em Farim com alguma justificada excitação, a algazarra permanente, o acender de fósforos e isqueiros denunciavam constantemente a posição das unidades navais.

O inimigo não se compadecia com estas manifestações de exuberância nas rendições de pessoal e, casualidade ou não, minutos depois, pelas 20:30, a LFG «Lira» foi alvo de um violento ataque. Ao aflorar a clareira do Tancroal foi visada repetidamente, da margem esquerda, por diversos disparos de RPG 7.

Foi atingida por um deles na chapa balística exterior da ponte, a estibordo, de que resultou um rombo e perfuração de todas as chapas interiores, incluindo a da casa do leme, deflagrando com numerosos estilhaços que causaram graves ferimentos em dois fuzileiros que estavam no convés junto da peça de vante. Um deles, o 1Gr FZE Arnaldo dos Santos Fernandes veio a falecer pouco depois, sendo igualmente atingido o apontador e municador da Bofors que foi projectado para o convés.

Na corredor exterior da ponte, foram atingidos ainda o sargento enfermeiro e o oficial imediato que, no controlo da artilharia, mesmo junto do local impate, foi violentamente lançado contra o solo pelo sopro, sofrendo graves lesões nos ouvidos.

Foram ainda atingidos o marinheiro do leme e o sargento condutor de máquinas que, conjuntamente com o comandante, se encontravam na ponte interior.

Ainda na sequência deste impate, resultaram avarias na antena do transmissor principal, na girobússola e nos telefones de controlo das peças, equipamentos que ficaram inoperativos, além de outros estragos de menor importância.

Uma outra granada de RPG 7 atingiu o rufo da casa dos auxiliares, a bombordo, onde abriu um rombo, inutilizando os 4 botes de borracha dos fuzileiros que se encontravam por cima provocando ainda alguns estragos no convés e na casa dos geradores.

Ainda um outro projectil, pelo menos, deflagrou na margem oposta podendo ter dado a errada ideia de que o ataque provinha da margem norte.

A LFG «Lira» reagiu ao ataque com ambas as peças mas, como o ataque foi efectuado dos sectores de vante, impossibilitou uma resposta eficaz quer da peça de ré quer da LDG «Alfange» que navegava algumas centenas de jardas a ré e com ângulo possível de tiro fechado, na prática ineficaz. Limitou-se a fazer fogo de apoio com Oerlikon, apenas para tentar desviar a atenção do IN que deveria esperar apenas um navio.

Foram ainda lançados pelo IN diversos very-lights, um dos quais atingiu o navio na ponte, sem consequências.

A peça de vante fez apenas cinco tiros após o que encravou. Nessa altura, o apontador e o municador, ambos já feridos, conseguiram arrastar-se para o interior da navio a fim de serem tratados.

Em face da intensidade do ataque e da LFG «Lira» ter ficado operacionalmente diminuída foi sugerido à LDG «Alfange» o regresso a Binta, o que veio a acontecer.

Entretanto, as enormes dificuldades de comunicações com Bissau e o estado de gravidade de alguns dos feridos levaram o comandante a decidir aportar rapidamente ao porto de Cacheu a fim de se proceder às evacuações.

De notar que, apenas mais de duas horas depois do ataque, pelas 22:40, se conseguiram comunicações com Bissau, após efectuada uma reparação provisória da antena do transmissor.

Dois dos feridos, os mais graves, foram evacuados de helicóptero na chegada ao Cacheu e os restantes três, de avião, já pela madrugada.

Mais tarde foram salientados o comportamento e a acção de vários elementos da guarnição. Do Oficial Imediato, 2 TEN RN Jorge Manuel da Silva Calado Marques que, apesar dos efeitos produzidos pelo sopro da explosão, se mostrou um óptimo auxiliar do comando no controlo da situação e na condução do navio para o Cacheu, de noite, sem girobússola e à máxima velocidade; do 2º Sarg H Manuel da Silva Francisco do DFE 10, incansável na assistência aos feridos; do 2º Sarg ACM Manuel dos Anjos Branco que, apesar de ferido, se manteve sempre na ponte até ser dispensado pelo comandante, a fim de ir receber tratamento; do Mar M Domingos P. Costa, marinheiro do leme que, ferido num braço, procurou fazê-lo com o outro, até ser substituído; do 1º Gr F Manuel F. da Costa, que transportou a maior parte dos feridos para a coberta do navio e do 1º Gr A António Jacinto Figueira, em diligência da LFG «Orion» que, apesar de ferido, ainda teve capacidade para responder ao fogo IN.

Com 6 elementos feridos ou impedidos de ocupar o normal posto e a girobússola inoperativa foi de todo impossível à LFG «Lira» regressar a Binta para retomar a escolta à LDG «Alfange».

Depois de reparada a girobússola por um artífice vindo no Dornier-27 que levou os feridos, a LFG «Lira» regressou a Bissau com o grupo de assalto do DFE 10 onde atracou às 19:45 do dia 14, transportando o corpo do fuzileiro falecido.

A missão foi completada pela LFG «Sagitário» que, saindo de Bissau nesse mesmo dia, com o apoio aéreo de 2 aviões T6, procedeu à escolta da LDG «Alfange» de Binta até S. Vicente, e depois, efectuou o regresso a Bissau.

Na sequência deste ataque e do anteriormente sofrido pela LDM 302* em Porto do Côco, a juzante do Tancroal, no dia 19 de Dezembro anterior, foram planeadas e levadas a cabo na mesma zona do Leto (Tancroal, Nhané) no rio Cacheu duas operações conjuntas e sincronizadas no final do mês de Janeiro, dias 29 e 30.

As acções visaram não só a intimidação das forças inimigas que operavam na área, reduzindo a sua eficácia mas também a moralização das forças próprias pelo regresso ao local onde tinham sido flageladas.

A operação “Antares” contou novamente com a LFG «Lira» com o DFE 12 embarcado e ainda LDM 305 que procedeu ao transbordo e desembarque das forças em terra.

De igual modo, a operação “Alpheratz” teve lugar com a LFG «Cassiopeia», o DFE 10 e a LDM 204 com missões idênticas.

O desembarque, actuação em terra e posterior reembarque decorreram com os detalhes previstos em ambas as operações, mantendo-se de reserva a LDM 309 que posteriormente regressou à *cabança* a que estava atribuída.

No rescaldo das duas operações o DFE 12 sofreu 2 feridos ligeiros, nos contactos havidos tendo infligido ao inimigo 4 mortos e 2 feridos confirmados, um prisioneiro e a destruição de trinta *moranças*. O DFE 10 em vários confrontos estabelecidos, confirmou 10 mortos e 1 ferido às forças IN, tendo capturado um elemento da população. Sofreu 3 feridos que conjuntamente com um dos elementos do DFE 12 foram evacuados de helicóptero.

O CDMG levou à consideração do Comandante-Chefe o comportamento em combate da guarnição da LFG «Lira» tendo em determinado passo das notas trocadas, “...*lamentado o facto de não ter sido devidamente reconhecido e apreciado o sacrifício da guarnição daquela unidade naval...*”.

Mais tarde, em Agosto de 1968, o Comandante-Chefe à data, brigadeiro António de Spínola, depois de efectuar globalmente a apreciação da acção da com base nos relatórios dos comandantes das LFG «Lira» e LDG «Alfange», entretanto solicitados, limitou-se laconicamente a oficial àquele Comando, transmitindo-lhe no ponto 2. da comunicação enviada**:

“... Da leitura dos relatórios de acção elaborados pelos Comandantes dos NRP “Alfange” e NRP “Lira” não ressaltam motivos para qualquer citação especial à acção de combate da “LIRA” quando a encarmos no quadro do cumprimento de uma missão de escolta que não foi totalmente cumprida, dado que a lancha escoltada “Alfange” teve que retroceder, o que aceitamos como decisão de emergência ajustada às circunstâncias, mas nunca como um acto digno de destaque. Aliás, a apreciação da acção do NRP “LIRA” em plano diferente, constituiria uma afronta às tradições da Gloriosa Armada Portuguesa.”

Esta postura do Comandante-Chefe relativamente à Marinha, viria a tornar-se numa permanente animosidade, reflexo da antipatia latente que nutria por aquele ramo das Forças Armadas, não se coibindo de a diminuir sempre que a ocasião lhe facultava a atitude

[20210126_LFG«Lira»Tancroal-despachocomchefe.pdf](#)

[\(clique aqui ou no link acima\)](#)

[Guiné, 13 de Janeiro de 1968-LFG «Lira», Marinha e Reserva Naval](#)

[\(clique aqui ou no link acima\)](#)

Duas semanas depois, a 27 de Janeiro a Marinha voltou ao local da emboscada em duas operações combinadas com o «DFE10», embarcado na LFG «Hidra» e o «DFE12» embarcado na LFG «Lira» com o apoio das LDM 204/LDM 305 ambas no apoio a ambas as operações. No saldo final infligiu pesadas baixas ao inimigo

Comando de Defesa Marítima da Guiné

*Comandante: Comodoro Aníbal Barros de Almeida Graça
Chefe do Estado-Maior: CFR Victor Sancho de Sousa Uva*

LFG “Lira”

*Comandante: 1º TEN Carlos Fernando Dias Souto
Oficial Imediato: 2º TEN RN Jorge Manuel da Silva Calado Marques, 8º CEORN*

LFG “Orion”

*Comandante: 1º TEN Luis Joel Alves de Azevedo Pascoal
Oficial Imediato: 2º TEN RN Manuel Lema Pires dos Santos, 8º CEORN*

LFG “Sagitário”

*Comandante: 1º TEN Américo Camacho de Campos
Oficial Imediato: 2º TEN RN José Horácio Gomes de Miranda, 9º CFORN*

LFG “Cassiopeia”

*Comandante: 1º TEN José Fernando da Silva Frazão
Oficial Imediato: 2º TEN RN Manuel de Sousa Santos, 8º CEORN*

LDG “Alfange”

*Comandante: 1º TEN José Manuel Contreras de Passos
Oficial Imediato: 2º TEN RN Arnaldo Régio Lopo Antunes, 9º CFORN*

DFE 10

*Comandante: 1º TEN José Carlos Lobato Faria Roncon
Oficial Imediato: 2º TEN José Manuel Castanho Paes
2º TEN Carlos Alberto da Encarnação Gomes
2º TEN FZE RN Carlos Alberto Lopes Marques, 6º CEORN*

DFE 12

*Comandante: 1º TEN Fernando Alberto Gomes Pedrosa
Oficial Imediato: 2º TEN Pedro Manuel de Almeida Serradas Duarte
2º TEN FZE RN Alberto Rebordão de Brito
2º TEN FZE RN Benjamim Lopes de Abreu, 10º CFORN*

<Fontes:

Arquivo de Marinha, Núcleo 236A, 176/177/18, Relatórios da Missão de Fiscalização da LFG “Lira” e mensagens diversas integradas na operação; Coloredo G081; imagens cedidas pelo Comandante Carlos Fernando Dias Souto.

** A LDM 302, em 19 de Dezembro de 1967 afundou-se depois de um ataque violentíssimo no Tancroal em que o patrão foi morto em combate – Revistas da Armada nº 8 de Maio de 1972 e nº 129 de Junho de 1982.*

*** Ofício nº 2859/C/68 do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné para o Comando de Defesa Marítima da Guiné em 27 de Agosto de 1968 (anexo)*